

SIMPÓSIO AT145

A VALORAÇÃO NA CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA EM CONTEXTO DE ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

GUEDES, Karol Costa
Universidade Federal da Paraíba (PROLING-UFPB)
karolcostaguedes@hotmail.com

OLIVEIRA, Alixandra Guedes Rodrigues de Medeiros
Universidade Federal da Paraíba (PROLING-UFPB)
alixandragm@gmail.com

ALMEIDA, Maria de Fátima
Universidade Federal da Paraíba (PROLING-UFPB)
falmed@uol.com.br

Resumo: O fenômeno da interação constitui a linguagem, ou seja, é a realidade fundamental da língua (Volochinov, 2017). É somente pela interação que a linguagem acontece, isto é, nas situações de comunicação real e de uso da língua. Esta interação acontece de maneiras diferentes e, nesse processo, um diálogo é estabelecido. É nesse sentido que compreendemos que a existência do *outro* numa situação de interação verbal para a realização do diálogo é vital para a concretização de uso efetivo da língua, de atos de enunciação. Tendo em vista que o processo argumentativo como a apropriação de um posicionamento frente a outra posição que se efetiva no contexto dialógico é realizado por sujeitos situados sócio-historicamente e inseridos numa dada esfera discursiva, objetivamos, através deste artigo, relatar uma experiência em contexto de ensino médio de uma escola pública do Estado da Paraíba, situada em Campina Grande, envolvendo estudantes da 1ª série do Ensino Médio, a fim de refletirmos sobre o dialogismo e a valoração como mecanismo argumentativo em uma experiência que suscitou a participação dos estudantes na análise e construção da argumentação em sala de aula de Língua Portuguesa, através de debates em círculos de discussão. Para este propósito, ancoramo-nos na Análise Dialógica do Discurso (BAKHTIN, 2010a; VOLOCHÍNOV, 2017) e nos estudos realizados acerca da Argumentação (FIORIN, 2017), constatando que é na linguagem e pela linguagem dialógica e, portanto, argumentativa, por natureza, que o sujeito se constitui, fazendo uso dos tons valorativos como mecanismo de argumentação para a produção enunciativa de sentidos.

Palavras-chave: Dialogismo; Valoração; Argumentação.

Abstract: The phenomenon of interaction constitutes language, that is, it is the fundamental reality of the language (Volochinov, 2017). It is only through interaction

that language happens, that is, in situations of real communication and use of the language. This interaction takes place in different ways and, in this process, a dialogue is established. In this regard that we understand that the existence of the other in a situation of verbal interaction for the realization of dialogue is vital for the concretization of effective use of language, of enunciation acts. Considering that the argumentative process as the appropriation of a position in front of another position that is effective in the dialogical context is carried out by subjects situated socio-historically and inserted in a given discursive sphere, we aim, through this article, to report an experience in context of a public school in the State of Paraíba, located in Campina Grande, involving students from the 1st grade of High School, in order to think on dialogism and appraisal as an argumentative mechanism in an experience that provoked student participation in the analysis and construction of argumentation in the Portuguese Language classroom, through debates in discussion circles. For this purpose, we are rooted in the Dialogical Discourse Analysis (BAKHTIN, 2010a; VOLOCHINOV, 2017) and studies about Argumentation (FIORIN, 2017) it is in the language and the dialogical language and, therefore, argumentative, that the subject is constituted, making use of the values tones as a mechanism of argumentation for the enunciative production of meanings.

Keywords: Dialogism; Appraisal; Argumentation.

1 Introdução

Assim como todo discurso é de natureza dialógica, uma vez que a enunciação é envolvida por reações-respostas que definem a responsividade ativa do outro, a argumentação também o é, visto que a argumentação nada mais é do que a tomada de posição contra outra posição.

Partindo dessa perspectiva, desenvolvemos este trabalho, com o objetivo de relatar uma experiência em contexto de Ensino Médio de uma escola pública do Estado da Paraíba, situada em Campina Grande, envolvendo estudantes da 1ª série do Ensino Médio, a fim de refletirmos sobre o dialogismo e a valoração como mecanismo argumentativo em uma experiência que suscitou a participação dos estudantes na análise e construção da argumentação em sala de aula de Língua Portuguesa, através de debates em círculos de discussão.

Para este propósito, ancoramo-nos na Análise Dialógica do Discurso (BAKHTIN, 2010a; VOLOCHÍNOV, 2017) e nos estudos realizados acerca da Argumentação (FIORIN, 2017), constatando que é na linguagem e pela linguagem dialógica e, portanto, argumentativa, por natureza, que o sujeito se

constitui, fazendo uso dos tons valorativos como mecanismo de argumentação para a produção enunciativa de sentidos.

2 Dialogismo e argumentação na língua

Através da perspectiva dialógica do discurso, compreende-se que o diálogo (ou relação dialógica) é a forma clássica de comunicação verbal, o que nos permite pensar sobre a existência de sujeitos que interagem, sujeitos falantes, uma vez que a enunciação, que é social por excelência, segundo Volochínov (2017), é envolvida por reações-respostas que definem a responsividade ativa do outro, e isso nos confirma que a natureza da palavra quer sempre ser ouvida.

Segundo Bakhtin (2010a, p. 272), “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau”. Com isso, ele defende a ideia de que os enunciados são elos que mantêm relação entre si como uma corrente complexamente organizada.

Conforme Tezza (2003):

Quando alguém nos diz algo, não prestamos atenção no significado reiterável das palavras, aquilo que está nos dicionários; ao contrário, estamos atentos sempre ao que é novo no que está sendo dito; a cada momento só nos interessa o que é novo – cada sinal que ouvimos detona em nós não uma recepção passiva, mas uma resposta ativa, e é nesse território inescapavelmente valorativo que a linguagem e nós vivemos. (TEZZA, 2003, p. 32-33).

Esse território inescapavelmente valorativo que a linguagem e nós vivemos, mencionado por Tezza (2003), ativa-nos a compreensão de que a natureza da linguagem, do discurso, da língua é dialógica, sócio-historicamente ideológica, valorativa, isto é, imersa em valorações que os sujeitos produzem ao longo do tempo e da história. Daí a necessidade de o indivíduo, revestido de criação ideológica, responsividade e responsabilidade, comunicar-se

valorativamente, através de enunciados que refratam o mundo, como pontua Faraco (2003).

Fiorin (2017) defende que todos os discursos são argumentativos, uma vez que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso. Todos eles, portanto, refutam, apoiam, contestam, sustentam ou contradizem um dado posicionamento. Todos os discursos são, enfim, uma reação responsiva a outro discurso.

3 A argumentação, a organização das ideias e o pensamento crítico e participativo socialmente em construção de texto dissertativo-argumentativo

Por sabermos que os enunciados modelam as práticas sociais de grupos humanos que, por sua vez, assumem diferentes modos de construir sentidos ao mundo, essencialmente revestidos de criações ideológicas, valemo-nos deste relato de experiência vivenciada em uma turma de 1ª série do Ensino Médio, de uma escola pública do Estado da Paraíba, em Campina Grande.

Trata-se de um trabalho desenvolvido em duas aulas de Português, envolvendo discussões em torno do tema “A relação entre a sociedade contemporânea e o tempo”, visando à construção coletiva de uma tese e um argumento, com vistas ao gênero redação de Enem (texto dissertativo-argumentativo).

Na primeira aula, foram entregues aos estudantes dois textos, um artigo do autor Sérgio Gwercman, intitulado “Tempo: cada vez mais acelerado”, e uma charge sobre o tema proposto. Seguem:

Tempo: cada vez mais acelerado

Pressa. Ansiedade. E a sensação de que nunca é possível fazer tudo — além da certeza de que sua vida está passando rápido demais. Essas são as principais consequências de vivermos num mundo em que para tudo vale a regra do “quanto mais rápido, melhor”. “Para nós, ocidentais, o tempo é linear e nunca volta. Por isso queremos ter a sensação de que estamos tirando o máximo dele.

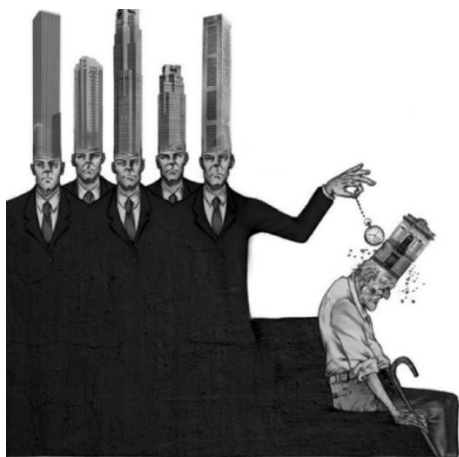
E a única solução que encontramos é acelerá-lo”, afirma Carl Honoré. “É um equívoco. A resposta a esse dilema é qualidade, não quantidade.”

Para James Gleick, Carl está lutando uma batalha invencível. “A aceleração é uma escolha que fizemos. Somos como crianças descendo uma ladeira de skate. Gostamos da brincadeira, queremos mais velocidade”, diz. O problema é que nem tudo ao nosso redor consegue atender à demanda. Os carros podem estar mais rápidos, mas as viagens demoram cada vez mais por culpa dos congestionamentos. Semáforos vermelhos continuam testando nossa paciência, obrigando-nos a frear a cada quarteirão. Mais sorte têm os pedestres, que podem apertar o botão que aciona o sinal verde — uma ótima opção para despejar a ansiedade, mas com efeito muitas vezes nulo. Em Nova York, esses sistemas estão desligados desde a década de 1980. Mesmo assim, milhares de pessoas o utilizam diariamente.

É um exemplo do que especialistas chamam de “botões de aceleração”. Na teoria, deixam as coisas mais rápidas. Na prática, servem para ser apertados e só. Confesse: que raios fazemos com os dois segundos, no máximo, que economizamos ao acionar aquelas teclas que fecham a porta do elevador? E quem disse que apertá-las, duas, quatro, dez vezes, vai melhorar a eficiência?

Elevadores, aliás, são ícones da pressa em tempos velozes. Os primeiros modelos se moviam a vinte centímetros por segundo. Hoje, o mais veloz sobe doze metros por segundo. E, mesmo acelerando, estão entre os maiores focos de impaciência. Engenheiros são obrigados a desenvolver sistemas para conter nossa irritação, como luzes ou alarmes cuja única função é aplacar a ansiedade da espera. Até onde isso vai?

(Sérgio Gwerzman. Adaptado de www.super.abril.com.br. Acesso em Agosto de 2018).



(Disponível em <https://www.tudointeressante.com.br/2017/11/20-ilustracoes-que-desmascaram-sociedade-moderna.html>. Acesso em Agosto de 2018.)

A leitura do primeiro texto foi feita em voz alta por um dos alunos, e logo após a discussão foi guiada por perguntas feitas à turma sobre o tema, os exemplos utilizados pelo autor e a relação com a vida cotidiana dos estudantes. A leitura do segundo texto foi feita pelos estudantes, por cerca de 2 minutos. Logo em seguida, a discussão foi guiada por perguntas feitas à turma sobre a

descrição da imagem, para que os estudantes apontassem todos os elementos da charge e o significado de cada um deles, e a relação com o primeiro texto.

Após as discussões feitas na primeira aula, foi iniciada, na segunda aula, uma explicação sobre o significado de uma tese e de um argumento, na perspectiva do Enem. Logo em seguida, foi solicitada à turma a construção de uma tese e de um argumento, tendo como base as discussões feitas em torno dos dois textos trabalhados, e vinculados ao tema proposto. A última versão da tese desenvolvida coletivamente, através da participação dos estudantes, foi “Quem não se moderniza, torna-se obsoleto”. E a última versão do argumento desenvolvido coletivamente, através da participação dos estudantes, foi “As novas tecnologias trouxeram mais velocidade e mais imediatismo para a sociedade contemporânea, o que nos tornou mais impacientes e ansiosos em nossas atividades cotidianas”.

4 Considerações finais

Com o objetivo de relatar uma experiência em contexto de Ensino Médio de uma escola pública do Estado da Paraíba, situada em Campina Grande, envolvendo estudantes da 1ª série do Ensino Médio, a fim de refletirmos sobre o dialogismo e a valoração como mecanismo argumentativo em uma experiência que suscitou a participação dos estudantes na análise e construção da argumentação em sala de aula de Língua Portuguesa, através de debates em círculos de discussão, pudemos constatar que, através da/para linguagem dialógica e, portanto, argumentativa, por natureza, o sujeito se constitui, fazendo uso dos tons valorativos como mecanismo de argumentação para a produção enunciativa de sentidos.

À medida que os indivíduos compreendem a natureza argumentativa e dialógica da linguagem, o trabalho com a produção textual se torna mais leve, prazeroso e significativo, uma vez que é trazida à tona a ideia de responsabilidade sobre aquilo que se diz e sobre aquilo que não se diz, visto

que somos sujeitos responsivos e responsáveis pela nossa enunciação, pela discursividade de nossa linguagem.

O trabalho colaborativo na construção de uma tese e de argumentos em prol da produção de um texto dissertativo-argumentativo, cujo tema proposto diz respeito à esfera ético-social, contribuiu para a organização das ideias dos estudantes, que se auxiliaram através da participação em roda de discussão, demonstrando que é possível dissertar através do pensamento crítico e participativo socialmente.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1. ed. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.